

# A Casa da Luz (Gouveia)

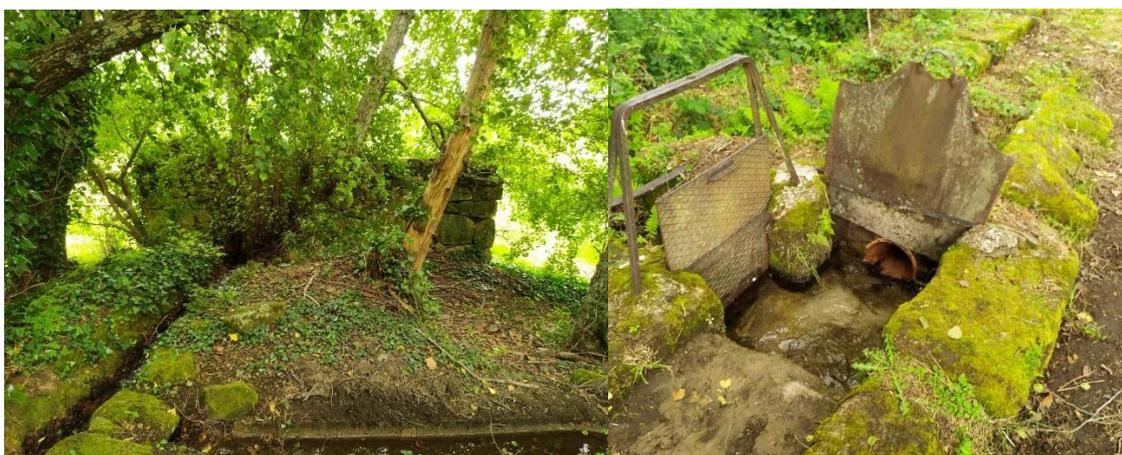


António Correia

Gouveia 12/06/2020

10ºA Nª4

A Casa da Luz, tem este nome, devido à função proposta para a sua construção, fornecer luz. Neste caso, aproveitando a força das águas, da mesma forma que os nossos antepassados o faziam, ao longo dos cursos de água que correm do alto da encosta norte da Serra da Estrela em direção ao vale do Mondego, cujo testemunho encontramos nas ruínas das cerca de duas dezenas de moinhos



perto da casa da luz, na ribeira Ajax ou ribeira de Gouveia.

*Figura 1 Água destinada aos moinhos*

Para além dos moinhos também as fábricas de gouveia se começaram a alimentar, energeticamente, na ribeira Ajax, através dos rodízios, que eram de tal importância que se encontram representados em destaque no brasão da cidade.



*da alteração do curso da água*

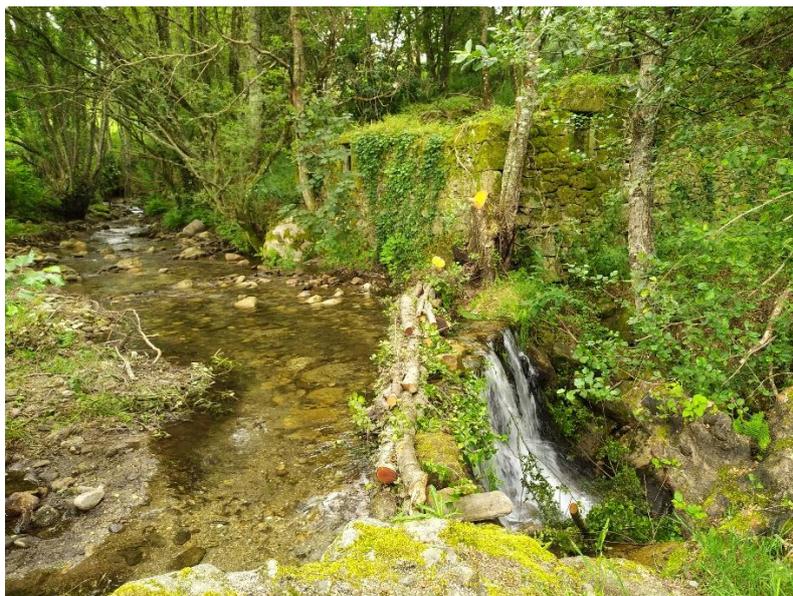
*Figura 1 Brasão da cidade de gouveia*

É de elevada relevância referir o facto de ter sido contemporânea das primeiras tentativas bem-sucedidas em Portugal de estabelecer uma estratégia de eletrificação pública, em escala, que iria substituir as famosas lamparinas a óleo e a gás, que, ainda assim, duraram praticamente até aos anos 1960.



*Figura 2 Água que vem da ribeira*

Enquanto se começavam a fundar empresas de fornecimento de eletricidade nas grandes cidades do litoral entre 1891 e 1919, data da constituição da União Elétrica Portuguesa, estas usavam geradores a diesel, lamparinas a gás ou a óleo. Porém, na região da Serra da Estrela, um importante grupo de indústrias decidia utilizar a energia da gravidade e da água para fornecer eletricidade às suas fábricas.



*Figura 3 Ribeira de onde a água que fornecia energia vem*

Esta fonte de energia ficou conhecida como a hulha branca, fornecida pelos Aproveitamentos Hidrelétricos da Serra da Estrela, que a Empresa Hidroelétrica da Serra da Estrela começou a construir em 1909. Foi deste empreendimento que resultaram as albufeiras da Serra da Estrela que hoje pontuam a paisagem do planalto superior, como o Vale do Rossim, a Lagoa Comprida ou o Covão dos Conchos.



*Figura 4 Água perto dos motores que os ajudava a funcionar*



*Figura 7 António Marques da Silva*

Um dos impulsionadores dessa empresa foi António Marques da Silva, natural de Gouveia e contemporâneo de Pedro Amaral Botto Machado, a quem, seguramente, se foi inspirar na criação deste projeto que se designou Casa da Luz. Entre várias facetas da vida deste gouveense, conta-se o seu carácter republicano convicto, tendo estado

envolvido na revolta do 31 de janeiro de 1891, no Porto, e benemérito devoto, que instituiu métodos de alfabetização massivos para a população em geral e as crianças em particular, Associações de Socorros Mútuos aos Artistas e Operários,

inclusivamente, criando o primeiro Centro Republicano do distrito da Guarda em 1908. Foi ainda administrador e presidente da Câmara Municipal e era maçom.



*Figura 8 Pedro Amaral Botto Machado*

Entre a mata do Farvão e a ribeira Ajax ficam uma série de estruturas que nos foram deixadas, nomeadamente, o bosque mandado plantar por sí, num local onde construiu uma rede de aproveitamento de água para distribuir pela comunidade, naquela que foi, também, a primeira tentativa no concelho de distribuir uma rede de saneamento. Também, porque a Casa da Luz foi a primeira vez que se tentou estabelecer uma rede de iluminação eletrificada pública em Gouveia. Julga-se que estes conjuntos de estruturas terão sido construídos algures entre 1907 e 1916. A Casa da Luz está datada de 1908.



*Figura 5 Interior da casa da luz neste momento*

A Casa da Luz é assim, uma estrutura que visava providenciar iluminação pública à, então, Vila de Gouveia.

Porém, o empreendimento cedo se revelou de uma dimensão tecnicamente irrealizável, utilizando-se o edifício para fornecer energia às fábricas gouveenses perto do edifício, nomeadamente, à fábrica Bellino & Bellino, que desenvolveu e aperfeiçoou esta estrutura, transformando-a numa central de produção elétrica do tipo mini-hídrica, que são centrais com capacidade de potência inferior a 10 MW e que foram a principal fonte de energia em Portugal até aos anos 1950.



*Figura 6 Fábricas Belino & Belino antes de serem devastadas por um incêndio que ocorreu no ano de 2018*

O edifício terá sido comprado ainda na década de 1910 pelo proprietário da Bellino & Bellino e no início da década de 1920 já produzia eletricidade sob a forma de mini-hídrica.



*Figura 8 Locais onde se encontravam os motores*



*Figura 7 Locais onde se encontravam os motores*

Estas funcionavam com uma turbina impulsionada por um motor a diesel ou a nafta, que mantinham a funcionar a central elétrica quando o caudal de água era insuficiente para fazer movimentar as turbinas e os rodízios que forneciam a energia às máquinas da fábrica de lanifícios.

Desta forma, o seu período de maior fulgor e contributo à localidade foram os anos em que esteve ao serviço dessa importante fábrica de lanifícios da cidade, até aos anos 1980. É também um dos importantes testemunhos do papel da água no desenvolvimento da cidade de Gouveia. Muitos são os gouveenses que se banhavam nas represas ao longo da ribeira (sendo o “dique” a mais conhecida) construídas para dar ímpeto à água, ou canalizando-a para, como ainda hoje, a sua levada utilizada para regadio. Juntamente com as dezenas de moinhos abandonados ao longo da ribeira, mantém a sua presença na paisagem como um importante testemunho da relação simbiótica entre o engenho do ser humano e o aproveitamento do seu meio-ambiente natural.